

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Editorial

Ms. Cristina Di Benedetto - Psicoterapeuta e
Supervisora Clínica Comportamental

Dizem que a unanimidade é cega. Na palestra realizada em nosso recente II Encontro Regional de Psicologia, o professor e pensador Abib Damásio nos faz refletir sobre a questão de ser ou não possível à Psicologia propor uma única matriz de pensamento. Para ele, a **Psicologia é plural**. Concordando com esse raciocínio, pensa-se que diante da complexidade e riqueza do ser humano, a Psicologia como ciência e profissão deve estar aberta para as diversas formas de pensar e analisar nosso objeto de estudo, ao invés de brigar por qual paradigma é o mais válido.

Demonstrando a importância que o Jornal Psicologia em Foco e seus representantes dão à pluralidade, esta edição traz artigos que englobam temas e formas de compreensão de homem variadas. Podemos saborear textos que contemplam os diversos contextos de atuação do psicólogo, podemos refletir sobre o papel, a relevância e o lugar do psicólogo hospitalar, bem como a exposição bem detalhada dos propósitos das práticas da psicologia institucional. São apresentados também, estudos acadêmicos de alunos e professores mobilizados com o fazer científico, sobre idosos e construção de identidade feminina. E temos mais: artigos desenvolvidos sobre tópicos como a importância da psicoterapia apresentando-se argumentos da psicanálise e gestalt. Enfim, a edição traz uma mostra muito interessante nesse leque construtivo de convivência com paradigmas diferentes na psicologia.

Vale destacar que ao terem convidado uma psicóloga comportamental para escrever o editorial deste jornal, mais uma vez seus representantes dão mostra do valor que dão às várias formas de compreensão do homem.

Viva a convivência com as diferenças!
Boa leitura a todos!

NESTA EDIÇÃO

ESPAÇO DO EXALUNO

Não é coisa de louco

Dianna Schmeiske

Página.....02

PSICOLOGIA EM DEBATE

Para que o Aqui-e-o-agora?

Amanda Marconi

Página.....02

A construção da identidade feminina na adolescência: Um enfoque na relação mãe e filha

Camila Seron; Rute Grossi Milani

Página.....04

Escutar o que se ouve

Diogo Luiz Santana Galline

Página.....05

O idoso e o sentimento de asilamento

Eliane Pastor de Lima; Gislaine Redivo; Joseane de Andrade; Renata Rodrigues da Silva

Página.....07

Psicólogo hospitalar: um espaço conquistado

Soraya Ruiz de Souza Sanches

Página.....08

CINEMA E PSICOLOGIA

Página.....09

DICAS DE LEITURA

Página.....10

CARTA DO LEITOR

Página.....10



Contato

Para colaborar com o conteúdo do Jornal Psicologia em Foco com artigos, dicas de leitura, dicas de filme, charges ou para divulgar eventos e patrocinar o jornal entrar em contato pelo e-mail

jornalpsicologiaemfoco@hotmail.com

40% desconto
para estudantes CESUMAR

minds
ENGLISH SCHOOL

Av. Tiradentes, 1.185
Centro - PHONE: **2101-7850**

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Espaço do Ex-Aluno

Contribuições de ex-alunos do Cesumar

NÃO É COISA DE LOUCO

Dianna Schmeiske*

Confissões de um empresário bem sucedido:

“Hoje foi um dia difícil, sinto um insistente nó na garganta e um aperto no peito, embora procure nos contatos de telefone e nos velhos amigos, fica a sensação de não ter com quem conversar, pois existe em mim, um receio em parecer fraco ou ser mal interpretado. Gostaria de ser poupado do olhar espantoso ao contar meus tropeços e de obter atenção em cada palavra externada. Na última conversa com um amigo tive minhas preocupações subestimadas, me cansei de conselhos prontos e frases clichês. Minhas emoções estão todas trancadas em um quarto escuro, mal posso ver e tenho medo de acender a luz, tamanha a desorganização interna que me encontro, mas preciso dividir o peso com alguém que me ajude a organizar essa bagunça.”

Eis aqui o trecho de uma carta, um pedido da alma por alívio e saúde mental.

Talvez seja algo que você tenha vontade de dizer, também pode acontecer quando escutamos uma música em que o compositor traduz exatamente o que se passa conosco.

Às vezes carregamos malas abarrotadas de entulhos e objetos desnecessários, que insistimos em levar, não importando quão longo será o caminho. E depois de muito caminhar, os pés começam a reclamar, os braços doem e paramos no meio da estrada percebendo que não se vai muito longe sozinho. Neste momento a única saída é admitir e pedir ajuda. Seus familiares estão ocupados demais, e o restante das pessoas que você conhece parece ter soluções para tudo! Você só quer alguém que ouça, e não uma receita de bolo.

E o psicólogo?

“Imagina, isso é coisa para louco, que eu saiba não tenho nenhum transtorno, não é para tanto.”

A frase acima não é tão assustadora, pois ainda ouço. Embora a procura por profissionais da psicologia tenha aumentado, ainda existe certo estigma acerca do verdadeiro trabalho oferecido por parte dos mesmos.

É comum que se espere de uma coluna sobre comportamento e psicologia, um texto relacionado à ansiedade, aos transtornos alimentares, às disfunções sexuais, e depressão. Afinal, são assuntos pertinentes à área.

Todavia, resalto sem sombra de dúvida, o quão importante é, conscientizar-se acerca do verdadeiro

sentido em fazer terapia. Dentro do Setting (ambiente) terapêutico não existe o que apenas escuta e o que apenas fala, é uma relação de troca. E quer saber? Pode ser que você queira ficar em silêncio, e o silêncio também é um som, que, às vezes, diz muito mais do que a sonoridade das palavras, mas o importante mesmo é que de fato existe empatia nessa relação. Alguém disposto a estender as mãos à quem o procura e pensar realmente no que se passa do outro lado da barreira física.

A terapia é mais que tratar compulsões e transtornos, sua dimensão vai além, poderia ficar horas citando os benefícios. Ninguém é autosuficiente, até mesmo o psicólogo procura outro psicólogo. Priorizamos tantas coisas e nos esquecemos que cuidar de nossas emoções é a chave do sucesso e da felicidade para fluir nas demais áreas da vida.

Por isso, convido você a se permitir essa linda vivência.

*Dianna Schmeiske
é psicóloga e ex aluna
do Cesumar



Psicologia em Debate

PARA QUE O AQUI-E-AGORA?

Amanda Marconi*

O nosso intuito nesse artigo será discutir a respeito de como a prática gestáltica pode viabilizar ao cliente ser sujeito de seu processo psicoterápico e, conseqüentemente, de sua vida. Com essa pretensão, trata o conceito do aqui e agora proposto pela Gestalt-terapia, e como ele se torna importante no resgate da subjetividade.

A questão central é: como o aqui-e-agora promove a emergência da subjetividade?

O aqui-e-agora talvez seja um dos conceitos que mais caracteriza a terapia gestáltica e o menos entendido nos meios acadêmicos. É considerado de forma ingênua, estanque no sentido contextual e histórico, ou seja, presente, passado e futuro são percebidos desconectados. Esse tipo de interpretação desconsidera completamente o enfoque holístico que permeia essa abordagem. Pensar o processo de subjetivação conjugado ao conceito gestáltico do aqui-e-agora tem uma importância ímpar, pois atualmente se

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ

vive no contexto cultural no qual tudo é fast – a comida, as interpretações, o contato consigo mesmo. Polsters a Polsters (2001) salientam que o sistema cultural precisa de novos modos que estimulem as pessoas a experimentarem suas ações no presente. Tal estimulação é essencial, pois possibilita estar em contato com o que está acontecendo consigo mesmo de forma integrada, resgatando assim a condição constituidora de sua existência.

Ressalta-se que, na experiência da Gestal-terapia, objetiva-se favorecer a manifestação da história em si, no presente. A possibilidade de que o cliente, por si mesmo, traga a sua história e a reexperimente no espaço em que se insere o aqui, é no tempo presente, o agora, é uma busca incessante. Então, ao contatar a história de vida, abre-se a possibilidade de configuração e de reconfiguração da sua trajetória, a qual abriga presente, passado e futuro, o que não implica a revogação do passado ou do futuro, mas a busca e a possibilidade de re-significá-los, restabelecendo a integração da dinâmica espaço-temporal. Ao fincar os pés no presente, tanto o passado quanto o futuro, que outrora pareciam assustadores, assumem uma dimensão diferente.

Petrelli (1999) utiliza-se, para visualização dessa integração temporal, da metáfora da haste de um pendulo de um relógio que, ao transitar livremente pela esquerda, pelo centro, pela direita, promove o movimento e restaura a fluidez temporal, tão necessária ao que se considera saúde na perspectiva fenômeno – existencial.

Na constituição do processo terapêutico, participam terapeuta e cliente, cada qual com suas vivências e expectativas passadas e atuais, trazidas de suas respectivas histórias. Essa miscelânea de aspectos constitui o sentido subjetivo que cada um confere ao seu mundo. Assim, configura-se o espaço relacional, o qual se encontra mergulhado em um contexto de pura historicidade. Nesse sentido, Ribeiro (1998) ressalta que só se compreende o ser mediante a contextualização, ou seja, levando em conta o seu meio, sua história, suas vivências passadas e sonhos futuros. O acesso a esse contexto só é possível no presente e por meio da relação e do contato.

Assim, terapeuta e cliente compartilham da sociedade do fast, que impossibilita, muitas vezes, que se faça contato com o presente e com os sentimentos, pensamentos e ações (processos subjetivos). Engajado no diálogo e na postura fenomenológica, pode observar o que aparece, o que implica ter a sabedoria da espera e não se perder nas inúmeras tentações de tornar o processo psicoterápico fast. Tanto cliente como terapeuta estão

inseridos em contextos sociais que, como descreve Ribeiro (1998), promovem a perda do contato com as motivações extinsecas endêmicas a sua cultura.

O terapeuta tem função de estar ali, para testemunhar o encontro do cliente consigo mesmo, é a de assumir uma atitude de fé no cliente (Juliano, 1999; Ribeiro, 1998) na sua capacidade de reescrever sua história e a de saber que só o cliente tem a habilidade suficiente para reconfigurar o seu contexto, alicerçado no aqui-e-agora, é a de promover as transformações necessárias em si mesmo e em seu mundo, pois eles estão extrinsecamente ligados de forma circular.

* Amanda Marconi é aluno do 5º ano de Psicologia (CESUMAR).

Para saber mais:

JULIANO, J.C. A arte de restaurar história: libertando o diálogo. São Paulo: Summus, 1999.

PETRELLI, R. Para uma psicoterapia em perspectiva fenômeno-existencial. Goiânia: UCG, 1999.

POLSTER, E.; POSLTER, M. Gestal-terapia integrada. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, W.F.R. Existência = essência. São Paulo: Summus, 1998.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA ADOLESCÊNCIA: UM ENFOQUE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

Camila Seron*; Rute Grossi Milani**

A organização da identidade é um processo que, como os demais acontecimentos da adolescência, se dá com “turbulências”, com “idas-e-vindas”, provocando perplexidade em adultos, uma vez que estar com um adolescente significa muitas vezes ser tomado pela confusão que este experimenta em sua mente (ERIKSON, 1998). A evolução de cada indivíduo, segundo Grinberg e Grinberg (1998), é uma série contínua de mudanças, pequenas e grandes, de modo que pela elaboração e assimilação vai se estabelecendo o sentimento de identidade, entretanto a falta de crescimento e de mudança equivale à estagnação psíquica e à esterilidade emocional; ou seja, à morte psíquica.



PLENUS PSI
Espaço de Desenvolvimento Pessoal

ROSANE UCHIKAWA
PSICÓLOGA - CRP-08/15427
CEL 44 9122-0398

Av. 15 de Novembro, 171 - Sl 109
GALERIA D. EULÁLIA - CENTRO - MARINGÁ - PR
plenupsi@hotmail.com - FONE 44 3222-8091



NECPAR
Núcleo de Educação Continuada do Paraná

Pós-Graduação em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental
e Análise do Comportamento

Nova Turma em 2011 - Inscrições: www.necpar.com - Informações: (44) 3031-7182

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ

Esta pesquisa busca contribuir para o entendimento das influências que a relação entre mãe e filha pode representar para a jovem adolescente. Os dados coletados junto às adolescentes podem instrumentalizar práticas voltadas à promoção da saúde e psicoterapêuticas em relação à população envolvida. Mães e filhas contribuindo para ampliar a percepção e entendimento sobre o relacionamento entre elas e suas implicações na saúde psíquica da jovem que está se tornando mulher.

Participaram da pesquisa dez adolescentes do sexo feminino, com idade entre quatorze e dezoito anos, cursando o ensino médio ou o ensino superior, solteiras e residindo com suas mães. Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de perguntas semi-estruturado, que foi aplicado através de uma entrevista. A categorização dos dados foi baseada na análise de conteúdo proposta por Bardin (1999) e a discussão foi realizada sob o referencial teórico psicanalítico.

Os resultados serão apresentados em três categorias:

1) Desafios enfrentados na construção da identidade feminina na adolescência: mudanças hormonais, mudanças e novos cuidados com o corpo e novas exigências e responsabilidades. Estas mudanças na adolescência são sinais importantes de que a jovem está definitivamente abandonando os anos da infância para tornar-se mulher.

2) Figuras de identificação. A mãe, segundo os relatos das adolescentes estas valorizam a companhia, a ajuda e a confiança na relação materna. Nota-se assim, que a presença materna é de fundamental importância. “Mãe porque está sempre comigo, me ensinou as coisas” (A1). “Minha mãe porque me baseio nela para ser mulher” (A3), “Minha mãe ela que me dá segurança, amiga, conto tudo para ela” (A5), “Mãe porque é minha mãe, é tudo, meu primeiro contato, cresci com ela, meu espelho, meu tudo” (A9). As avós: a figura das avós pode ser percebida como referência onde as adolescentes buscam conforto, carinho e atenção, na ausência da mãe. A avó, principalmente a materna, pode ser considerada como uma extensão da própria mãe. As irmãs e as tias são percebidas pelas adolescentes como mulheres amigas e companheiras. Nossa Senhora: a busca de uma identificação positiva, a representação de uma mãe ideal, na tentativa de solução das angústias.

3) A Relação Materna e Identidade Feminina: a importância da presença, escuta, mediação e similaridade rumo à diferenciação. As adolescentes relataram a necessidade de perceber a mãe próxima delas para compartilhar vivências marcantes e ouvi-las,

como por exemplo, a respeito da primeira menstruação, o primeiro beijo, primeiro namorado. A mãe é percebida como um referencial onde a filha pode “revelar os segredos”, o que ajuda a filha adolescente a conhecer seus papéis sociais e a própria feminilidade, pois a mãe tem o papel de ser a mediadora entre a filha e os acontecimentos externos. E quando a relação é permeada por pouco contato físico e verbal, sem intimidade, falta de tempo entre mãe e filha, nota-se pouca aproximação, o que dificulta vínculo entre elas. “Acho que não somos muito amigas, poderíamos ter uma relação mais próxima, mais aberta para falar as coisas” (A2). Mães que buscam incluir-se na vida das adolescentes, participam, conversam, brincam, se preocupam, perguntam sobre os acontecimentos rotineiros, contribuem para uma relação mais próxima. Mãe e filha compartilham de uma relação particular que influencia na maneira da adolescente planejar o seu próprio futuro. É no relacionamento com a mãe que a filha pode identificar-se com os atributos femininos e moldar o que é ser mulher. Aspectos percebidos na identificação da filha com a mãe: “Na cor e no corte de cabelo, não gostamos de salto alto, preferimos tênis, no jeito de limpar a casa e guardar as coisas” (A1), “Ela gosta de comprar bijuterias para combinar com uma determinada roupa e eu também, nós gostamos de gente, de conversar” (A4).

Segundo Corso (2006, p.81), “é importante que a filha reconheça elementos de identificação com a mãe. Ser com ela em alguns aspectos, mas como ponto de partida e não de chegada.” Perceber a limitação do modelo materno empurra ao trabalho de buscar referenciais e vivências que ampliam o horizonte da vida da filha. Aspectos observados na adolescente na medida em que esta se diferencia da figura materna, considerando que é através do mecanismo de oposição que a adolescente pode definir-se e colocar os seus próprios objetivos. “No trabalho dizem que já estou pior que minha mãe. Sou mais brava que minha mãe, muito mais organizada. Temos algo em comum também que é ser escritora” (A10).

Por meio desta pesquisa foi possível compreender que a construção da identidade feminina na adolescência sofre influências da relação entre mãe e filha, pois as jovens procuram na figura da mãe um modelo, do qual com o passar do tempo conseguem se diferenciar, entretanto carregam consigo características essenciais vividas dessa relação. Outro aspecto relevante levantado durante esta pesquisa é o fato de que as avós maternas são consideradas figuras significativas no desenvolvimento da identidade feminina das adolescentes, pois são percebidas como

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Psicologia em Debate

mulheres cuidadoras, acolhedoras e receptivas.

Na amostra estudada observou-se uma tendência das filhas seguirem o modelo da mãe, pois percebem no jeito de ser, nas atitudes e comportamentos da mãe, o que podem se identificar, tornando esta relação mais próxima e favorável para o desenvolvimento da identidade feminina. Ressalta-se, porém, que tais adolescentes apresentavam uma relação predominantemente positiva com suas mães, o que influenciou para os resultados obtidos, mostrando a importância da relação materna. Portanto, sugerem-se novos estudos com adolescentes em situação de vulnerabilidade, com a violência doméstica, a separação dos pais, a doença mental materna e a gravidez precoce, no sentido de elucidar as relações de adversidade no contexto familiar e os processos de construção da identidade feminina.

Para saber mais:

CORSO, Diana Lichten. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ERIKSON, Erik H. O ciclo da vida completo. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRINBERG, Léon; GRINBERG, Rebeca. Identidade e mudança. Lisboa: Climepsi, 1998.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1999.

* Camila Seron é aluna do 5º ano de Psicologia (CESUMAR).

** Rute Grossi Milani é psicóloga e Professora do Cesumar

ESCUTAR O QUE SE OUVE

Diogo Luiz Santana Galline*

À primeira vista, o título acima conduz o despercebido leitor a cogitar um erro gravíssimo de redundância por parte do autor. “Como posso escutar aquilo que não ouço?”, podem questionar. Outros chegarão à filosófica conclusão de que “ouço, logo escuto”. Por fim, alguns dirão que ambos os termos são e sempre serão

sinônimos, desviando a conversa para o resultado futebolístico do final de semana e encerrando, de forma drástica, a possível discussão. Embora sejam vistas por muitos como semelhantes, há significantes diferenças entre as duas palavras. Segundo o Dicionário Michaelis, ouvir remete a “dar ouvido às palavras de; perceber pelo sentido do ouvido”, ao passo que escutar refere-se a “prestar atenção para ouvir; dar atenção à; sentir; perceber”. Em suma: enquanto ouvir está ligado às funções auditivas, escutar envolve-se primordialmente com a atenção (e consequente compreensão) àquele que nos dirige a palavra.

Um breve caso auxiliará na elucidação dos conceitos. Certa vez, uma mulher retornou aflita de seu trabalho, necessitando dialogar urgentemente com o marido. Ao adentrar em casa, notou o esposo sentado no sofá, lendo seu respectivo jornal. Não demorou muito para iniciar seu desabafo, de forma atropelada e desorganizada. Qual foi a sua surpresa ao ser interpelada pelo marido da forma mais superficial possível, com fáticos “aham”, “que mais” e “certo”, mas sem desgrudar os olhos das páginas esportivas um minuto sequer. Tornando-se ainda mais desesperada, não se agüentou e arrancou o jornal das mãos do homem que, assustado, perguntou: “O que está acontecendo?”. “Acontece que eu estou há quase meia hora lhe falando das idéias malucas de nossa filha, que deseja viajar com o namorado para uma praia deserta, e você continua com essa expressão de que nada está acontecendo. Será que você está me escutando?”. Certamente a resposta para esse caso é “não”, pois ele realmente não escutou o que estava sendo dito. É possível que seu canal auditivo tenha captado as ondas sonoras provindas da voz da esposa, transmitindo o estímulo para o próprio organismo. Todavia, dificilmente tal estímulo transformou-se em alguma mensagem efetiva, afinal, nenhuma atenção foi despendida pelo sujeito para torná-la consciente.

Pode parecer um exemplo distante, contudo, está mais presente no dia a dia das pessoas do que se imagina. Basta refrescar da memória a última vez que se encontrou com aquele amigo indesejado e pouco querido, vulgo chato: é bem provável que, em meio a tanto desinteresse em manter a conversa, o interlocutor tenha se utilizado apenas dos ouvidos (quiza respostas monossilábicas), sem envolver a escuta propriamente dita ou até mesmo, o mínimo de



DR. WANDERLEY CADAMURO
CRM 8.126-PR
CARDIOLOGIA E FISIOLÓGIA
DE ESFORÇO

RUA NÉO ALVES MARTINS 3377
TEL.: 44 3029-4763
SALA 204 - 2º ANDAR
CEP 87013-060 - MARINGÁ - PR



**GRÁFICA E FORMULÁRIOS
VISUAL**

FORMULÁRIOS CONTÍNUOS	EMBALAGENS C/ MICRO ONDULADO
• NOTAS FISCAIS • RECEITUÁRIOS • DUPLICATAS • FATURAS • RECIBOS • CARNÊS • PAPEL CARTA • CONHECIMENTO DE TRANSPORTES	• EMBALAGENS P/ PEÇAS • CALÇADOS • CONFECCÕES • ALIMENTOS • BRINQUEDOS • CARTUCHOS • CARTELAS SKIN E BLISTER'S
IMPRESSOS OFFSET: COMERCIAL E PROMOCIONAL	
• CATÁLOGOS • FOLDER'S • LIVROS • REVISTAS • MALA DIRETA • CARTAZES • ENVELOPES • FOLHINHAS • PASTAS • RÓTULOS • CALENDÁRIOS • FLY'S • CARTÕES DE VISITA • ETIQUETAS ADESIVAS • TAG'S	
FONE/FAX 3268-2002	
AV. SÃO DOMINGOS, 1770 - CEP 87015-180 - MARINGÁ - PARANÁ	

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Psicologia em Debate

atenção. Outro exemplo dá-se costumeiramente nas salas de aula, em disciplinas que não interessem tanto a determinados alunos. Embora estejam olhando e ouvindo a figura do professor, seus pensamentos encontram-se há milhas de distância.

O movimento de escutar não é tão simples quanto se demonstra ser. Na atual sociedade, valoriza-se a máxima produção em detrimento ao menor tempo possível. Desta forma, pouco tempo é dedicado ao exercício de escuta, uma vez que, na lógica pós-moderna, significa “perda de tempo”. Ao invés de desprender de alguns minutos para dedicá-lo ao entendimento do próximo, prefere-se criar relações objetivas, mas superficiais, nas quais o contato está baseado mais no que cada um tem a dizer, ou seja, um “monólogo dirigido”, ao invés de uma formação de diálogo.

Para o profissional da psicologia, a capacidade da escuta faz-se estritamente necessária para o andamento de suas atividades. No que condiz à prática clínica, espera-se que terapeuta e cliente estabeleçam um vínculo de confiança, sabendo-se que só será criado caso exista uma ligação verdadeira entre ambos. Diversos fatores colaboram para essa formação, dentre eles a escuta atenta do psicólogo para o “corajoso” que ali se encontra, expondo fragilidades muitas vezes inimagináveis de serem relatadas para outros ao seu redor. O cliente procura alguém que disponha de dedicação suficiente para compreender suas angústias, que o escute empaticamente e que, diferentemente de muitos, possa enxergar suas dificuldades com respeito e aceitação. Será somente dessa maneira que se conseguirá chegar àquilo que Martin Buber denominou de relação dialógica, isto é, um relacionamento verdadeiro formado por duas pessoas (eu-tu). Ambas encontram-se presentes em sua totalidade, dotadas de comunicação genuína e sem reservas. Desta forma, abrem-se imensas possibilidades de interação humana, promovendo o processo terapêutico autêntico.

Diante do que foi apresentado, conclui-se a grande importância que o processo da escuta assume na vida dos seres humanos. É preciso ir muito além do simples ato de ouvir. Faz-se necessário, antes de tudo, esforçar-se para

estar atento à transmissão do mundo interno daquele que fala, captando assim o valor essencial de sua mensagem. A situação torna-se primordial no que condiz ao psicólogo.

É deveras importante realizar um exercício constante de escuta, pois, sem ele, o estabelecimento do contato interpessoal torna-se impossível. O cliente certamente não se sentirá à vontade para trabalhar seus conteúdos, muito menos encontrará espaço propício para o surgimento da *awareness*¹. Parafraseando o brilhante Rubem Alves: “existem muitos cursos de oratória, mas nunca alguém se preocupou em criar um curso de escutatória”. Está disposto a ser pioneiro nessa arte? “Sintaxe” à vontade!

Segundo Yontef (1998), *awareness* é definida como “uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/ambiente, com total suporte sensório-motor, emocional, cognitivo e energético.

* Diogo Luiz Santana Galline, acadêmico do 5º ano noturno de Psicologia

O IDOSO E O SENTIMENTO DE ASILAMENTO

Eliane Pastor de Lima; Gislaíne Redivo; Joseane de Andrade; Renata Rodrigues da Silva*

A velhice é o período que tem início na década dos cinquenta anos, após o indivíduo ter vivenciado realizações pessoais, chamadas de maturidade. Em geral somente uma pessoa com mais de setenta anos possui características que podem defini-la como um velho, tais como: o aspecto apegaminhado da pele, a atrofia muscular difusa, a atrofia geral dos órgãos e sentidos, fragilidade óssea, alterações na memória, entre outras (D'ANDREA, 2006).

Envelhecer pressupõe alterações físicas e psicológicas. Ultimamente com os avanços farmacológicos, a melhor qualidade de vida e a maior preocupação com a prevenção de doenças, o envelhecimento está ocorrendo em idade cada vez mais avançada. Mas com o passar dos anos o desgaste é inevitável, sendo essa uma fase em que o ser humano fica mais suscetível a doenças, isto é, adoecem mais e demoram mais tempo para se recuperar.

Embora a velhice venha sendo objeto de estudos e preocupações de vários campos de estudos, este período do



SHOPPING
AVENIDA CENTER



Cristina Di Benedetto
Psicóloga
CRP 08/04609

Rua Silva Jardim, 386 - Sala 05 - Centro
87013-010 - Maringá - PR - Fone 44 3031-3038

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Psicologia em Debate

desenvolvimento da personalidade está longe de ser compreendido totalmente. Atualmente existe uma tendência em considerar que uma pessoa com sessenta anos já é um incômodo para os mais jovens e se a posição deste idoso for de submissão ou dependência, ela é tratada como se não servisse para mais nada.

O processo de asilamento leva a um distanciamento progressivo entre o idoso e seus familiares, chega às vezes ao abandono. Ao ver-se sozinho no asilo, o idoso queixa-se de solidão, onde além de se recusarem a conversar com seus colegas de asilo, solicitam exclusivamente a atenção dos profissionais ou funcionários da instituição. Contudo, novos vínculos afetivos se formam com o decorrer do tempo de asilamento, passando haver entre eles um sentimento de amizade, solidariedade mútua, compartilhar dores, ansiedades, preocupações e perdas, enfim, sentimentos que agora fazem parte da sua “vida asilar”.

Inicialmente a família visita-o em média três vezes por semana, esse número de visitas vai diminuindo com o tempo, sendo facilmente encontrados casos em que o visitam até duas vezes ao ano. Zimerman (2005) posiciona-se contra as instituições asilares. Segunda a autora servem como “depósitos de idosos”, mas as considera como um mal necessário, usado como resposta às necessidades do mundo atual, além do que se não existissem, idosos sem família não teriam aonde ir.

A autora também considera que a massificação é um tipo de violência contra o velho, pois é o resultado de idéias pré-concebidas e estigmatizante acerca dele, que não leva em consideração a individualidade de cada um, caracterizando todos os velhos como chatos, por exemplo. O que leva a outro tipo de violência contra os idosos, que é não escutá-los, decidindo tudo por eles, desde o tratamento para a saúde até mesmo a roupa que ele vai usar e aonde vai, sem ao menos perguntar o que ele acha. Essa é mais uma situação que passa despercebida, mas que mexe profundamente com a dignidade do velho.

Para se inferir aspectos sobre a vida do idoso antes e após o processo de asilamento, realizaram-se entrevistas com três idosos com idades entre 60 e 70 anos, moradores de

uma instituição asilar na cidade de Maringá- Pr.

Através das entrevistas pode-se perceber que o idoso asilado sofre e desenvolve sentimentos, sejam em relação à vida anterior ao asilamento ou não. Estes idosos queixam-se dos colegas, da falta de atividades relacionadas ao lazer como, bailes e passeios, por exemplo, reclamam da falta de visita dos filhos e dos entes queridos, deixando assim, transparecer uma aparente tristeza e vontade de sair da instituição. O preconceito se caracteriza pela ausência de reflexão crítica acerca de um determinado objeto e suas origens, é decorrente do processo de socialização, não sendo algo inato ao indivíduo, se manifestando nele de forma singular e individual. (CROCHÍK, 2004)

Dessa forma, o idoso, principalmente aquele asilado, é vítima de preconceito, pois eles próprios se queixam da falta de visitas dos familiares ou de entes queridos. Sentem-se excluídos da sociedade assim como sujeitos estigmatizados, pois tal como estigma é definido na relação social e representa a situação da qual o indivíduo está inabilitado para sua plena aceitação no meio social sendo usado para evidenciar uma característica que possua se encaixando nele algumas categorias de pessoas tal como, por exemplo, os idosos.

Acreditam que já não fazem mais parte da sociedade estando marcados pela sua condição física, social e talvez mental, ou seja, se limitando a grupos pessoas com as mesmas características. Acreditam que na medida em que foram envelhecendo foram sendo esquecidos e sendo vistos pela sociedade de forma peculiar e criam mecanismos de defesa apresentam em determinados momentos fantasias, negação da realidade, rejeição numa tentativa de fuga da realidade de isolamento a qual se encontram.

* Eliane Pastor de Lima; Gislaine Redivo; Joseane de Andrade e Renata Rodrigues da Silva são acadêmicas do 4º ano de Psicologia (CESUMAR).

Para saber mais:

CROCHÍK, L. Preconceito, indivíduo e sociedade. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

D'ANDREA, F. F. Desenvolvimento da personalidade. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.



15 ANOS DESENVOLVENDO PESSOAS...

“A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL CUIDANDO DA SAÚDE EMOCIONAL DAS ORGANIZAÇÕES”

- Projetos em Capacitação Profissional
- Avaliação de competências
- Atendimentos em Coaching Organizacional
- Treinamentos Comportamentais e Técnicos

www.ibrade.com.br
ibrade@ibrade.com.br
11 8567.0531
44 9972.5486
44 3262.2530

Diretoria: PROF ISLA GONÇALVES - Psicóloga Organizacional e do Trabalho
Especialista em Mudanças comportamentais nas organizações

Pós-Graduação
Gestão de Pessoas
e Psicologia Organizacional

(44) 3028-4416
WWW.FCV.EDU.BR



Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Psicologia em Debate

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1988.

NÉRI, A.L. Psicologia do envelhecimento. Campinas: Papirus, 1995

SPINK (org). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ZIMERMAN, G. I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto alegre: Artmed, 2005.

PSICÓLOGO HOSPITALAR: UM ESPAÇO CONQUISTADO

Soraya Ruiz de Souza Sanches*

Muito tem se falado em ampliar o atendimento psicológico, diversificando a atuação do psicólogo para várias áreas além da clínica tradicional. Uma das áreas que tem ganhado ênfase é a da Psicologia Hospitalar, como ramo da psicologia da saúde. O psicólogo no contexto hospitalar já é uma realidade e a importância de seu trabalho tem sido reconhecida dia a dia. Com certeza não foi fácil conquistar este espaço, mas com a evolução do conceito de saúde que deixa de compreender o indivíduo de maneira dicotomizada e fragmentada, buscando uma visão biopsicossocial, na qual o indivíduo passa a ser visto de forma totalizante, visando o seu bem estar biopsicossociocultural e não apenas a ausência da doença. Diante disso a psicologia tem avançado em seu campo de atuação e conquistado um espaço cada vez mais solidificado na atuação do psicólogo. Obstáculos foram encontrados e ainda serão, mas a consolidação desta área de atuação assim como a efetivação da inserção do psicólogo em equipes multidisciplinares auxiliam nesta visão ampla da prática no âmbito da saúde e devem se transformar em projetos que visem atender as necessidades psicossociais da demanda hospitalar.

Mas o que é a psicologia hospitalar e o que faz o psicólogo neste contexto? Segundo Simonetti (2004) "Psicologia Hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento". O autor lembra ainda que a psicologia hospitalar não cuida apenas das doenças com causas psíquicas, mas de qualquer doença, que envolvem sempre de alguma forma, aspectos psicológicos, já que o indivíduo que adoece tem sua subjetividade. Para Campos (2010) "ouvir clientes, familiares e profissionais de saúde na

busca da compreensão de suas histórias pessoais, de sua forma de pensar, sentir e agir é a estratégia básica de ação do psicólogo (...) que se coloca como intermediador das relações interpessoais".

Assim, pode-se pensar que o psicólogo, como conhecedor do ser humano, tem também a função de entender os aspectos que envolvem o adoecimento para que possa auxiliar o indivíduo a atravessar o processo de hospitalização, facilitando este processo, oferecendo uma escuta para que o paciente possa falar da doença ou de qualquer assunto que o angustie. Isso ajuda o mesmo a entender como está sendo a relação do indivíduo com a doença, que significados este atribuiu à hospitalização e ao tratamento e o que este momento simboliza em sua vida. Compreendendo que o indivíduo tem sua subjetividade, suas vivências, sua história de vida e que quando é surpreendido pelo adoecimento, produz aspectos psicológicos que muitas vezes não havia parado para refletir, pensar ou até temer.

É diante de uma situação de crise que a pessoa vivencia intensas transformações em sua vida, que tanto podem ser positivas quanto negativas e nesse aspecto o psicólogo pode ajudar o paciente no processo de ressignificação de experiências e na busca para readquirir o equilíbrio perdido. O adoecimento deve ser avaliado não isoladamente, mas somado ao estresse da mudança de ambiente (hospitalização), às limitações impostas pela doença, pelo constrangimento dos procedimentos invasivos que o paciente vai se submeter, a perda da sua autonomia e privacidade, entre outros aspectos que podem interferir no estado psicológico do indivíduo. Para lidar com os aspectos que o adoecimento impõe e que geram angústia no paciente (sendo esta uma reação diante de alguma ameaça do ego à sua integridade) é que este lança mão de seus mecanismos de defesa, que no contexto

DISK ENTREGA
3227-3669 / 3222.6903
3227.5109

Casarão
da XV

BUFFET COMPLETO
RESTAURANTE - PIZZARIA

PEIXE NA TELHA
AR CONDICIONADO
SALÃO P/ EVENTOS
AV. XV DE NOVEMBRO, 492

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ



Psicologia em Debate

hospitalar pode-se perceber a utilização mais freqüente da negação, da fantasia, da projeção, da racionalização e da sublimação.

Para realizar sua função no contexto hospitalar, o psicólogo deve fazer um trabalho que envolve a tríade paciente, família e equipe de saúde, através de projetos de humanização, que é a grande vertente do trabalho do psicólogo, sendo necessário ampliar o olhar para situações que vão além dos sintomas físicos. Para Andreoli (2008) “O novo psicólogo é aquele profissional que se aventura na tarefa da escuta atenta dos vários atores participantes do cuidado e que pretende dar voz àqueles que, por alguma razão, se encontram silenciados e em conflito. Esta tarefa é particularmente importante quando tratamos de trazer ao ambiente e à convivência hospitalares a dimensão humana”. Em relação à humanização, tais projetos é que vão instrumentar a equipe e a família a lidar com o paciente, acolhendo adequadamente, fornecendo informações necessárias, demonstrando como intervir com pacientes agressivos, quais as fases que envolvem o adoecer (negação, raiva/revolta, barganha, depressão e aceitação), quais os aspectos emocionais mais frequentes do paciente hospitalizado, identificando as dificuldades dos cuidadores, quais os recursos de enfrentamento que o paciente disponibiliza (resiliência), se tem uma rede de apoio favorável, entre outros.

Para ilustrar a importância da atuação do psicólogo na prática, segue fragmentos de um caso atendido no contexto hospitalar durante o período de estágio. M.F., sexo masculino, 62 anos, atendido na UTI após fazer uma hemicolectomia, demonstrava conhecimento da necessidade da retirada de um pedaço de seu intestino há 15 dias (desde o diagnóstico), relatando não apresentar sintomas anteriormente que ao seu ver justificasse o tumor maligno. Ao ser abordado pela psicóloga e perguntado como se sentia respondeu em termos médicos, falando do procedimento e do problema em seu intestino, que segundo “todos” os médicos e familiares que o visitavam diziam estar bem, em boa recuperação.

A psicóloga então insiste em saber como estava não fisicamente, mas sim emocionalmente, após o diagnóstico relâmpago e a intervenção cirúrgica e nesse momento o paciente se expressa com choro. Depois de alguns minutos pede desculpas e diz: “que bom que alguém quer saber como estou me sentindo, eu já havia me esquecido que era uma pessoa com sentimentos, só pensava no meu intestino todos esses dias e acho que me tornei esse pedaço do meu

corpo” (sic). A psicóloga pôde então trabalhar seus aspectos emocionais que estavam contidos até o momento, bem como seus medos diante da “perda” da saúde e possíveis transformações que acarretariam em sua vida, que “todos” evitavam falar, inclusive ele.

* Soraya Ruiz de Souza Sanches é aluna do 5º ano de Psicologia (CESUMAR).

Para saber mais:

ANDREOLI, Paola Bruno de Araújo. Psicologia no hospital e os caminhos para a assistência na UTI; In : Psicologia e Humanização: assistência aos pacientes graves / Elias Knobel, Paola B. de Araujo Andreoli, Manes R. Erlichman. – São Paulo: Atheneu, 2008.

CAMPOS, Eugênio Paes. Prefácio, In: psicologia hospitalar e da saúde: consolidando práticas e saberes na Residência/ Maria Stella T. Filgueiras, Fernanda D. Rodrigues, Tânia M.S. Benfica (org). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SIMONETTI, Alfredo. Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença / Alfredo Simonetti. – São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.



Cinema e Psicologia

Sinopses e análises de filmes com temas relacionados à Psicologia

Por Vinícius R. R. Gomes

Uma Rua Chamada Pecado (drama, 1951, 125 min.) dirigido por Elia Kazan, e com roteiro baseado na peça Um Bonde Chamado Desejo, de Tennessee Williams.

Dois personagens são destaque na peça, tornando-se, na cultura popular, ícones representativos do conflito: Blanche DuBois, uma nostálgica remanescente da cultura sulista, e Stanley Kowalski, um representante da classe operária.

A peça apresenta Blanche DuBois, uma decadente beleza sulista com pretensões de virtude e cultura que, através da fantasia, busca encobrir, para si mesma e para os outros, a realidade. Disfarça suas desilusões através da idéia de se mostrar – e se acreditar – ainda atraente e com possibilidade de novas conquistas amorosas. Blanche chega ao apartamento de sua irmã Stella Kowalski, e um dos transportes que utiliza para chegar é um bonde chamado "Desire". O ambiente urbano é um choque para Blanche, em virtude da nostálgica evocação de sua propriedade sulista, “Belle Reve”, em Mississippi, que havia sido perdida, segundo ela, por intrigas de seus ancestrais. Blanche culpa continuamente o nervosismo como fator de seu afastamento do trabalho como professora de inglês, quando na verdade a causa foi o relacionamento com um estudante de 17 anos, o que a levou a fugir de Laurel. Um breve casamento desfeito pela descoberta da homossexualidade do marido Allan Grey e seu consequente suicídio lançaram Blanche para dentro de um mundo de fantasias e ilusões misturadas à sua realidade.

Ψ JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

ANO I - EDIÇÃO III - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010 - MARINGÁ - PARANÁ

Em contraste com o retraimento e respeito de Stella e o pretensioso refinamento de Blanche, está Stanley Kowalski, que representa o poder da natureza bruta: primal, rude e sensual. Ele domina Stella em todas as suas atitudes, e é física e emocionalmente abusivo. Stella tolera seu comportamento como parte de sua atração; seu amor e relacionamento são baseados no poder animalesco e química sexual, algo que Blanche considera impossível entender.

A chegada de Blanche perturba o sistema de mútua dependência entre Stella e Stanley. Com a presença do amigo de Stanley, que se torna pretendente de Blanche, Harold Mitchell, o conflito se agrava. Stanley descobre o passado de Blanche, a ameaça e, num confronto final, a violenta, resultando na crise nervosa de Blanche. Stanley a encaminha para uma instituição de tratamento mental e, no momento final, ela se dirige ao médico que a levará: "Seja você quem for, eu sempre dependi da bondade de estranhos"

Há um constante conflito entre a realidade e a fantasia. Blanche, em determinada cena, diz: "Eu não quero realismo, eu quero magia". Blanche cria seu mundo de fantasias com as características do meio que conhece, tais como ser donzela, beleza sulista ou professora de escola. Ela utiliza seus relatos para criar uma fachada sob a qual se esconde, conciliando seus segredos numa tentativa de voltar à glória do passado, e ilustrando sua inabilidade para transmitir aos outros seu senso de normalidade.

Notavelmente, a decepção de Blanche com relação aos outros e a si mesma, não é caracterizada por malícia, mas prefere demonstrar sua desilusão através do "coração partido" e tristeza, remetendo a um tempo romântico e feliz antes do "decepção" que marcou sua vida.

O contraste entre Blanche e Stanley pode ser entendido como reflexo da oposição: a falsa, ilusória e decepcionada mulher, versus o rude, brutal e animalesco marido de sua irmã, a realidade em sua presença física.



Dicas de Leitura

Por Vinícius R. R. Gomes

Fetichismo: colonizar o outro. (Editora: Civilização Brasileira; 154 páginas; R\$ 24,90*); de Vladimir Safatle. O autor fala sobre o primeiro uso do termo "fetichismo", cujo conceito aparecia como elemento definidor de limites entre as sociedades esclarecidas e as sociedades primitivas; Safatle defende que se tornou comum a situação em que o indivíduo mantém na mente duas ideias opostas sem deixar de funcionar. Além disso, o autor estabelece uma relação entre o fetichismo e a mercadoria de Marx, se pautando no argumento de que o problema do fetichismo está na manutenção de um "mito individual" numa sociedade desencantada. Nessa perspectiva, somos todos um pouco fetichistas.

A morte de Freud: o legado de seus últimos dias. (Editora: Odisséia; 232 páginas; R\$ 29,90*); de Mark Edmundson. Esse livro é um ensaio jornalístico que conta em detalhes o período que vai de 14 de março de 1938 (quando Hitler é

recebido triunfante em Viena) a 23 de setembro de 1939, quando Freud morre após receber, a seu pedido, injeções de morfina que encerrariam os sofrimentos provenientes do câncer. Dirigido a um público leigo, o livro não pretende trazer informações inéditas ou interpretações originais, trazendo até banalidades da vida de Freud.



Carta do Leitor

Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes*

O que são 5 anos: relato de uma experiência de vida.

Peço licença ao leitor para nas próximas linhas abordar não um relato de caso clínico, de pesquisa ou de experiência acadêmica, mas antes um relato de uma experiência transformadora e única: a graduação.

Considero que toda experiência é absorvida e internalizada de forma única e singular por diferentes pessoas, mas há algo de universal na experiência de graduar-se: ninguém passa por ela e sai da mesma forma que chegou.

Cinco anos de psicologia, com aproximadamente 4.500 horas/aula; estágios, incontáveis textos xerocados e quase todos (digamos assim) lidos. Isso tudo agrega e acrescenta inegavelmente muito. Porém, mais do que toda essa carga teórica e prática, ousou dizer que o principal ponto de uma graduação está no relacionamento.

Sem o convívio e o contato diário com profissionais da área e colegas que se tornam ao longo dos anos amigos nada disso faria sentido; é a partir desse contato que podemos trocar experiências e crescer não só academicamente, mas principalmente pessoalmente.

Não estou dizendo que cursar Psicologia acaba por se tornar uma grande terapia grupal, mas sim que cursar qualquer curso proporciona uma experiência única e singular; uma experiência que passa pela arte do convívio com pessoas dos mais variados estilos e personalidades.

Aprender a lidar com o outro e a se relacionar não foi ensinado em nenhum dos quase 300 textos que tivemos ao longo da graduação; isso está implícito no nosso dia a dia, e nesse convívio de 5 anos pode ser exercitado e praticado em cada dia letivo, trabalho em grupo, supervisão e por que não festas e eventos extra-curriculares!

Hoje, ao final dessa jornada, posso dizer que olhar para trás e para o futuro fazem mais sentido; e que o sentimento de recompensa e alegria são imensuráveis. Digo ainda que saímos melhores do que chegamos; melhores enquanto pessoas; transfigurados por essa experiência transformadora chamada graduação...

Gostaria de agradecer em nome dos alunos da turma de Psicologia Cesumar (2006-2010) a todos os professores e profissionais que contribuíram e auxiliaram nesse processo; o curso fez com que vissemos na prática que ninguém cresce sozinho e que precisamos de um outro para nos desenvolver!

Aos colegas de jornada, fica a certeza de que jamais seremos os mesmos e de que valeu a pena! Parabéns pela nossa conquista e que venham as próximas etapas repletas de desafios e crescimento. O show não pode parar...

* Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes é aluno do 5º ano de Psicologia (CESUMAR)